



Os elos subterrâneos da modernidade

Berta Sichel

What, then, is time? SANTO AGOSTINHO

Numa avaliação inicial, o livro *The Culture of Space and Time* (Kern, Stephen, Cambridge, Mass. Harvard University Press: 1983) é um estudo das relações entre a cultura e a tecnologia. Uma obra que, com erudição e inteligência, expõe as ligações subterrâneas entre a "história material" e a "história intelectual" da modernidade. Não existe, para o autor, nenhuma dúvida de que a invenção e aplicação de um conjunto de inovações tecnológicas nos setores das comunicações e transportes, em particular, estabeleceu a fundação material para a formação de movimentos culturais independentes como a psicanálise, a *stream-of-consciousness novel*, o Cubismo, a teoria da relatividade, que redesenharam a consciência do homem moderno.

Mas *The Culture of Space and Time* ultrapassa as fronteiras da verificação da influência e inter-relação entre o desenvolvimento tecnológico e os movimentos estéticos. Num lampejo surrealista, se consideramos o Surrealismo em sua capacidade de provocar associações nunca antes pensadas, a tese incomum de Stephen Kern contesta noções estabelecidas como a da existência de duas modernidades: uma tecnológica e uma estética, conflitantes e antagônicas entre si¹. É a partir dessa tese que Kern vai de encontro ao objetivo principal da obra, aquele de examinar as mudanças mais significativas na experiência do tempo e do espaço, "mesmo aquelas para as quais não encontro uma causa específica". Uma meta realizada pela profundidade da pesquisa e incomum destreza em manejar com desenvoltura um leque de disciplinas aparentemente opostas, conflitantes, pertencentes a reinos inimigos, como geralmente se pensa do reino da técnica e do reino da arte, incluindo, aí, literatura e poesia.

Ligações intermediárias

Ao invés de modernidades conflitantes, o autor defende o conceito de modernidade como a nova maneira de experimentar e vivenciar o que há de novo na sociedade moderna.

Os assaltos à velha autoridade da natureza do tempo e do espaço, vindos de diversos pontos, foram necessários para possibilitar que em alguns países do Ocidente fosse possível viver e experimentar o "novo". Essas novidades eram mais do que produtos e provocaram transformações nas "dimensões da vida e do pensamento" no *fin de siècle* europeu e americano. A ação conjunta de uma série de "mudanças arrasadoras em tecnologia e em cultura" possibilitou o aparecimento de um "modo inédito de pensar e de uma maneira de viver o tempo e o espaço".

A aventura de Stephen Kern, em busca das origens dessa nova concepção e natureza do tempo e do espaço, começa em 1880, no *outbreak* da Primeira Guerra, quando a palavra modernidade já tinha perdido sua conotação romântica e estava identificada com o presente transitório e efêmero². Essa viagem pela história da transformação dos valores tradicionais vai termi-

BERTA SICHEL é jornalista, curadora. Candidata ao título de Ph.D pela Universidade de Nova York em Estudos em tecnologia. Professora-convidada da ECA/USP. Departamento de Artes Plásticas.

THE CULTURE OF SPACE AND TIME – 1880/1918, Stephen Kern, Harvard University Press, Massachusetts.

(1) Calinescu, Matei, *Five Faces of Modernity*. Duke University. Durham: 1987.

(2) Baudelaire, Charles, *The Painter of Modern Life*.

nar cinco décadas adiante, enquanto era assinado o Tratado de Versailles e por Paris circulavam os restos de uma nobreza desmembrada.

Financiada pela Fundação Rockefeller e pelo Centro de Estudos Europeus da Universidade de Harvard, o roteiro da obra foi construído à semelhança de uma montagem cinematográfica. Para Kern, o cinema é a injeção tecnológica que mostrou e realizou a possibilidade de condensar uma ação no tempo através da técnica do *flashback*. Assim, combinando cenas distantes e conectando material originário de fontes diversas, monta uma história que não flui pela cronologia nem pela historiografia. Corre pelo pensamento através da "justaposição".

O presente expandido

Essa técnica lhe permite encontrar, por exemplo, paralelo entre o desastre dos dois navios mais velozes da época, *Titanic* e *Mauretania* – catástrofes provocadas pela tecnologia da velocidade –, e as questões relativas à experiência do tempo presente ocorridas no campo das idéias. Kern reconhece que teria sido "um ato revoltante" ligar diretamente o desastre do *Titanic* com Nietzsche ou outros filósofos interessados nas questões relativas à experiência do tempo presente. Mas seguindo a trilha das "ligações intermediárias", a narração "dessas trágicas seqüências da velocidade" serve para identificar uma similaridade temática entre a reação do público em relação aos navios que afundam e preocupações filosóficas a respeito da natureza do tempo. Essas "ligações intermediárias" apontam, assim, em direção a uma "matriz coerente de pensamento", ou seja: enquanto os desastres do *Titanic* e do *Mauretania* foram acompanhados simultaneamente em vários países por causa do telégrafo e o telefone, no campo da filosofia, psicologia ou sociologia uma série de estudos e experimentos falam da "simultaneidade" e "espacialidade do presente expandido", fornecendo elementos essenciais para a reconstrução das origens das novas maneiras de se viver o presente – ou o passado e futuro –, no período examinado pela obra³.

De acordo com a tese do livro, invenções como o telégrafo e o telefone, o cinema, em especial, possibilitaram a vivência simultânea de inúmeros eventos ocorridos em lugares diferentes. Se hoje essa é uma prática banalizada pelos meios de comunicação de massa, na época provocou a imaginação de escritores e artistas. Em 1888, Jules Verne previu o "jornalismo telefônico" numa história de ficção científica, a qual se tornaria realidade cinco anos mais tarde, quando um engenheiro húngaro iniciou um serviço de *news agency*. Esse chegou a ter "6000 assinantes e se expandiu na área do entretenimento com programas que incluíam concertos, conferências, notícias sobre a bolsa de valores e transmissão direta dos discursos dos parlamentares".

A disputa entre seqüência x simultaneidade e a idéia do presente "expandido" e "simultâneo" foi expressa por inúmeros artistas, poetas, romancistas. Entre os exemplos citados, trabalhos futuristas como *Rhythms of a Bow* (1912), de Giacomo Balla, ou a técnica desenvolvida por Gertrude Stein: "começar e começar novamente, e novamente, é uma coisa natural mesmo quando existe uma série; começar e começar novamente explicando a composição e tempo é uma coisa natural". Também as "fotografias de sonhos", produzidas pelos surrealistas estavam incorporadas às recentes teorias psicanalíticas e outras, como a de Henri Bergson sobre a verdadeira duração do tempo. Cita, por exemplo, que na obra *The Introduction to the Metaphysics*, publicada em 1903, Bergson "ordenava a seus leitores que imaginassem alguma coisa que era 'inimaginável' e que 'concebesse uma ação para essas imagens inimagináveis' ". No contexto do livro de Kern, os três relógios de Dalí em "Memória persistente", têm relação com essas novas teorias sobre o tempo e a possibilidade de que este pudesse ser esticado na memória.

A lista dos autores citados por Kern se estende a vários campos do conhecimento: filosofia, sociologia, psicologia e física. De Michelson e Morley (1888), para as especulações de Lorentz (1895) em relação à "dilatação" do tempo, evoluindo até a teoria da relatividade (1905); ou as investigações da origem social do tempo, por Emile Durkheim (1903), ou as "descobertas" de William James, Josiah Royce e Husserl, que chamaram a atenção para um presente "encorpado" rejeitando idéias estabelecidas, como a de que o tempo é formado de "instantes infinitesimais que formam uma longa duração... como os pontos formam uma linha"; ou a radical declaração de Hume de que "o tempo consiste de diferentes partes das quais são formadas as longas durações". Ou ainda: "Será o presente uma seqüência de eventos locais singulares ou esse é formado por uma multiplicidade de eventos distantes?"; "Será o presente uma fatia infinitesimal do tempo entre o passado e o futuro ou o presente tem uma duração maior?".

(3) Aqui, a concentração maior é na questão do "tempo". O livro, no entanto é dividido em nove capítulos: A Natureza do Tempo; O Passado; O Presente; O Futuro; A Velocidade; A Natureza do Espaço; Forma; Distância e Direção.

O tempo público e o tempo privado

As esparsas cenas do espetáculo teórico, intelectual e artístico da época, representadas com economia nos parágrafos acima, "redesenham diretamente a consciência" do ser humano adequando-a à vida moderna.

Como conceito, modernidade tem pouco valor numa sociedade que organiza suas categorias de tempo de acordo com modelos míticos, como as descrições de Mircea Eliade em *O mito do eterno retorno*. Ou o exame das particularidades de sociedades primitivas observadas por Durkheim, na obra *Primitive Classification* (1903), o qual menciona de passagem que o "tempo está intimamente conectado com a organização social e com as formas elementares da religião". Ou seja: a divisão entre dias, meses, anos, etc. corresponde à periódica ocorrência dos fatos dos ritos, das festas e/ou cerimônias públicas. As sociedades primitivas organizam, assim, suas vidas em tempos e estabelecem ritmos que aí se tornam informalmente impostos como "uma moldura de todas as atividades temporais".

Mas numa sociedade onde o mítico e o sacramental perdiam rapidamente o valor, e onde a atividade individual começa a ser direcionada para o futuro e dirigida para o controle dos eventos, as ocorrências da vida cotidiana passaram a ser regimentadas por outros elementos que não ritos ou festas religiosas. Além da popularização do uso do relógio de pulso e da integração dos relógios de paredes nas novas construções com estruturas de ferro⁴, surge a idéia do "tempo universal padronizado". Essa padronização do tempo universal permitiu, entre outras coisas, que companhias que iniciavam a exploração do transporte ferroviário pudessem estabelecer horários menos complexos e mais eficientes.

18 de novembro de 1883. A história contemporânea da natureza do tempo conta que essa data é conhecida como o "dia das duas luas". Foi nesse dia que companhias, explorando o recém-inaugurado serviço ferroviário, decidiram impor um tempo uniforme, racionalizando e otimizando a relação entre custos, lucros e produtividade. Naquela data, os relógios americanos foram reajustados em até 12 horas em relação ao tempo da costa leste do país. Daí em diante, os passageiros que ainda se assustavam com a velocidade da locomotiva a vapor não precisariam acertar mais seus relógios cada vez que o trem passasse por uma cidade. Antes do "dia das duas luas", repetia-se esse gesto duzentas vezes; ou número de cidades na rota entre Washington e São Francisco no final do século.

A comprovação da eficiência da padronização do tempo público, a qual agilizou a organização das empresas de transportes e comunicação, motivou a organização da Prime Meridian Conference, onde representantes de 25 países reunidos em Washington, em 1884, propuseram o estabelecimento do meridiano de Greenwich como o meridiano zero. O resultado foi a determinação exata da duração do dia universal, num planeta dividido em 24 zonas com uma hora de diferença entre elas.

Se essa "uniformidade do tempo público" representou um avanço organizacional e foi considerado o fato mais importante em relação à natureza do tempo depois da invenção do relógio mecânico, no século XIV, esse conceito foi contestado em inúmeras obras da literatura nesse período. Em *Agente secreto* (1907), de Joseph Conrad, por exemplo, o personagem, um *agent provocateur* na Inglaterra, tem como missão explodir o observatório de Greenwich. Comenta Kern: "Joseph Conrad não poderia encontrar um objetivo anarquista mais apropriado; o símbolo representativo dessa autoridade política centralizada".

A heterogeneidade do tempo privado e seu conflito com o tempo público aparece, também, na obra de Oscar Wilde, que mostra a discórdia entre o tempo do corpo e o tempo público, na vida de seu imortal personagem Dorian Gray. Personagens de Proust (*Em busca do tempo perdido*) ou de Kafka (*Metamorfose* ou em *O julgamento*) estão envolvidos em situações que quebram com a rotina do tempo público, numa simbologia do distanciamento com o mundo exterior, na análise de Kern.

Na verdade, é impossível se fazer justiça à riqueza dessa análise num breve sumário já emoldurado pelas restrições editoriais. Essa segue o método da psicanálise fenomenológica, em especial de estudos que observaram como doentes mentais experimentam o tempo, o espaço, a causalidade e a materialidade, entre outras categorias essenciais. E apresenta dramaticamente conceitos críticos de acordo com a teoria de que "o conhecimento é essencialmente dialético; que idéias são geradas em oposição a outras idéias as quais têm uma natureza polêmica".

Essa forma de apresentação, que expõe idéias opostas e antíteses, e um conteúdo que interpreta cultura como uma função do tempo e do espaço, possibilita a Stephen Kern a realização de um estudo que pode ser considerado uma nova forma de historiografia. *The Culture of Space and Time*, que, à primeira vista, pode ser classificado na mesma categoria de livros como

(4) Ver Walter Benjamin *Paris, capital do século XIX*.

"Fim-de-século em Viena", de Karl Schorske, ou *"Consciousness and Society: The Reorientation of European Social Thought 1890/1930"*, de Stuart Hughes, tem uma característica única não-encontrada em nenhuma dessas, e outras obras concorrentes: a análise das fundações da experiência cotidiana contemporânea.

Descobertas e desenvolvimentos tecnológicos são eventos temporários e específicos que afetam uma sociedade em seu todo. E é somente através da interação entre cultura e tecnologia que é possível evitar o determinismo tecnológico no contexto da história cultural.